



www.delfimsantos.org

# Delfim Santos, um filósofo da realidade

Miguel Reale (1968)

Datiloscrito inédito, destinado à obra *In Memoriam de Delfim Santos*.

Quando Delfim Santos afirmou ser a presença de Aristóteles, e não a de Santo Tomás, a dominante no pensamento português, ao mesmo tempo que fazia um diagnóstico plausível firmava a própria posição no domínio das ideias. Nota-se, com efeito, em toda a sua obra, a preocupação constante de harmonizar as convicções metafísicas com as conquistas mais atuais da ciência, sendo fácil outrossim, dar mais de um exemplo de sua predileção pelas soluções intermédias, não como resultado de ecletismo acomodatório, mas antes pela exigência de sínteses totalizadoras.

Duas qualidades sempre me encantaram no trabalho especulativo de Delfim Santos: o repúdio às visões setORIZADAS, aliado ao culto da linguagem límpida, incisiva e rigorosa. Jamais sentiu ele a necessidade de recorrer a frases rebuscadas para dar-nos uma ilusória aparência de profundidade, nem se deixou seduzir pelas soluções reducionistas que se apegam a fragmentos do real. A realidade ele sempre a quis em toda sua inteireza, procurando determiná-la na unidade emergente de suas regiões óticas.

Penso que quando os seus ensaios forem objeto de mais aturada e merecida meditação, as duas qualidades ora apontadas terão o devido realce, quer se dedicasse à crítica dos sistemas quer se debruçasse sobre o passado da Filosofia em Portugal, ou se propusesse fixar as bases científicas da Pedagogia.

É na linha desse pensamento que se situam dois livros de sua autoria, *Situação Valorativa do Positivismo* e *Conhecimento e Realidade*, de concepção geminada e que, a meu ver, constituem um dos momentos mais altos da especulação lusa. A segunda obra nasce da primeira, como o autor mesmo o adverte ao declarar, no prefácio, ser esta uma «propedêutica a qualquer coisa que ultrapassa o interesse pelo positivismo». A gênese dialética desses dois trabalhos é sintomática: antes de afrontar o problema do conhecimento e do real como «problema das formas de manifestação da realidade» numa tentativa de compreensão ao mesmo tempo unitária e plural, Delfim Santos procede a uma análise objetiva e serena do positivismo lógico como última expressão parcial da realidade. As páginas que ele dedica às contribuições do Círculo de Viena e de Cambridge são um modelo de simpatia intelectual, de Filosofia entendida como



www.delfimsantos.org

dialogação fecunda. Além dos méritos da crítica interna que brota das aporias percebidas na vivência direta das ideias, não há como olvidar o que o livro do jovem mestre de 1938 representava então como novidade reveladora nos quadrantes das letras filosóficas em língua portuguesa.<sup>1</sup>

Essa exposição crítica ainda conserva a sua atualidade, apesar das mutações operadas no pensamento dos autores estudados, de Schlick a Carnap e Tarski; de Russel e Whitehead a Wittgenstein. Trata-se de um documento essencial à compreensão de um momento decisivo da história do neopositivismo e que, penso eu, teria sido altamente benéfico à cogitação filosófica, tanto em Portugal como no Brasil, se houvesse sido mais atentamente recebida a sua mensagem.

Pois bem, da crítica do positivismo passa Delfim Santos para Husserl, e N. Hartmann, e Heidegger, numa sucessão lógica e natural, mas cuidando sempre de situar-se diante dos problemas, fundado nos valores 'positivos' do neopositivismo, à cuja luz verificara «que o idealismo nos fornece demasiado muito e que o realismo nos fornece demasiado pouco para a integral compreensão do universo...».<sup>2</sup> *Conhecimento e Realidade*, de 1940, é o desenvolvimento dessa intuição, que teria como ponto de referência o propósito de atender às exigências determinantes da filosofia existencial, sem prejuízo das de rigor e de certeza colimadas pela Filosofia das Ciências.

Não é meu propósito, é claro, nestas notas evocativas de um grande espírito amigo, analisar pormenorizadamente os seus escritos para dimensioná-los na tela da cultura lusíada, mas apenas esboçar a imagem resultante de um convívio marcado por não poucas afinidades. O risco (na plenitude deste termo) de um perfil definitivo é tarefa maior que nos está a dever a intelectualidade portuguesa.

Como remate do esboço lembro que quando Delfim Santos foi destinado às pedagogias, a preocupação existencial, já delineada na segunda obra supra lembrada, como que adquiriu mais consistência, centrando-se na problemática do homem. Ainda aqui, ao propor-se o tema da realidade como existência, e da crise da pedagogia como ciência,<sup>3</sup> vemo-lo, mais uma vez, fiel ao seu *desideratum* de compreensão integral do homem e do cosmos, infenso a qualquer reducionismo científico, mas não menos adverso à opacidade dos alheios à metodologia das ciências positivas. Assim como fora o primeiro a perceber, no mundo português, o significado revolucionário da obra de Wittgenstein, não escapa ainda à sua aguda sensibilidade o sentido profundo das

<sup>1</sup> Ao tentar resumir as ideias de Wittgenstein, não escondeu Delfim Santos a dificuldade da tarefa. «tal a concisão e a forma difícil como o seu pensamento é apresentado» sem fugir a uma ponta de justificada vaidade, visto que «nenhuma exposição ou resumo fora ainda publicado em língua de origem românica», *Situação Valorativa do Positivismo*, Berlim, 1938, 67.

<sup>2</sup> *Op. cit.*, 188.

<sup>3</sup> Cf. *Fundamentação Existencial da Pedagogia*, Lisboa, 1946.



[www.delfimsantos.org](http://www.delfimsantos.org)

pesquisas de Merleau-Ponty, cujos ensinamentos acolhe no primoroso capítulo destinado ao estudo da 'estrutura do comportamento'.

Como se vê, foi o sentido integral da realidade, visualizada segundo múltiplos aspetos, o fulcro do pensamento de Delfim Santos, como ainda o confirma a bela conferência intitulada 'A Técnica como Fundamento da Cultura' que a *Revista Brasileira de Filosofia* publicou em seu último fascículo de 1966, singela homenagem a quem, como homem e como pensador, soube dar-nos admirável exemplo de elegância e de serenidade, sem se entregar ao irracionalismo existencial que se autodevora em sua desesperada finitude, por ter fé no pensamento que incessantemente se critica e se transcende, mas também sem se perder em cegas paixões fundadas na absolutização de fragmentárias e revisíveis certezas positivas.

Miguel Reale